

DÍVIDA EXTERNA

Acordo sai antes de setembro

Banqueiros serão ouvidos separadamente e não em comitê, afirma Dauster

SUELY CALDAS

RIO — O embaixador extraordinário para negociação de dívida externa, Jório Dauster, afirmou ontem ser impossível concluir um acordo com os bancos credores ou com o Fundo Monetário Internacional (FMI) antes de setembro. E os bancos terão de esperar ainda mais tempo, porque a programação da renegociação da dívida prevê que os acordos com o FMI e com o Clube de Paris ocorrerão antes do entendimento com os bancos privados. "Não faremos nada com pressa, porque a intenção é oferecer uma proposta séria e consistente, capaz de ser cumprida", argumentou Jório Dauster.

O plano de negociação idealizado pela ministra Zélia Cardoso de Mello e por Dauster inclui

mudanças radicais em relação às estratégias de governos anteriores. Uma delas se refere à forma de conversar com os banqueiros credores. Se antes um representante do governo brasileiro se deslocava para Nova York ou Londres para conversar com o comitê de bancos (uma representação que congregava e unificava os interesses dos credores), agora o governo brasileiro chamará ao Brasil os banqueiros e os ouvirá separadamente, não mais em bloco. "Em determinado momento vamos examinar a utilidade do comitê, por que pretendemos utilizá-lo como instrumento, mas não com o caráter anterior de mitificação", avisou o embaixador.

Nas conversas com os banqueiros, em Brasília, que começarão em julho, Dauster vai principalmente ouvi-los. "Precisamos conhecer as idéias de cada um, suas experiências nas negociações com outros países. Afinal, o Brasil só negociou até hoje o reescalonamento da dívida. A



Alfredo Rizzutti/AE-12/8/87

Dauster: sem pressa

redução do seu estoque ainda é uma novidade que os banqueiros vão ajudar a desvendar", explicou Dauster. Essas conversas, entretanto, não devem ser interpretadas como início das negociações.

Elas servirão para o governo

brasileiro formar sua opinião sobre qual a melhor e mais viável proposta a fazer. Também com esse objetivo, Dauster tem conversado com ex-negociadores da dívida, como o ex-ministro Bresser Pereira, o ex-presidente do Banco Central Fernando Bracher e o economista Paulo Nogueira Batista Júnior. Os convites de visita ao Brasil serão feitos a todos os bancos credores e aos que não quiserem se deslocar de seu país se pedirá que apresentem suas idéias por escrito.

Essas consultas aos bancos se darão logo após a partida da missão do FMI, que deverá chegar ao Brasil na segunda quinzena deste mês. Até lá, tanto FMI quanto banqueiros já conhecerão a quantia que o Brasil se dispõe a pagar aos bancos este ano, por conta dos juros atrasados (US\$ 5 bilhões) e dos que estão por vencer. A cifra de US\$ 5 bilhões de pagamento, mencionada pelo presidente Fernando Collor durante a campanha eleitoral, é apenas uma referência.